



As Narrativas da Violência nos Programas Jornalísticos Paraense: Um Estudo de Caso do Balanço Geral¹

Alexandre CUNHA²

Marcus PASSOS³

Danuta LEÃO⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Aspectos relacionados à violência são corriqueiramente vividos pelo ser humano ao longo da sua vida. Atualmente, a mídia televisiva, analisada por este artigo sob a forma de programa jornalístico, vem se utilizando de questões relacionadas à violência, estruturadas em um complexo jogo de estratégias narrativas. Estratégias essas, voltadas para a conquista da audiência e construções de variados personagens durante a narração dos fatos. É por isso que as narrativas são consideradas poderosos dispositivos discursivos. Tudo isso é representado em diferentes momentos ao longo do programa Balanço Geral, da TV Record Belém.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Violência; Programa jornalístico; Estratégia narrativa.

INTRODUÇÃO

O telejornalismo popular de caráter sensacionalista com abordagem na violência é o objeto de análise deste trabalho, uma vez que esse tipo de jornalismo tem crescido cada vez mais na televisão. Esse gênero tem ganhado tanto destaque, que tem se tornado a principal atração na grade de programação das emissoras que exibem o sensacionalismo em forma televisiva. A partir disso, uma análise será feita em como esse tipo de

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPA, e-mail: alexnascunha@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPA, e-mail: marcuspassos26@yahoo.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da UFPA, e-mail: danutaleaopp@gmail.com



discurso se utiliza de diversos mecanismos para provocar sensações no público a ponto de cativá-los como espectadores assíduos.

Informar. Essa é a função do jornalismo comprometido em passar a verdade ao público ou a um determinado grupo social, sobretudo o jornalismo televisivo, o qual consiste a análise desse artigo. Em relação a isso, existem variadas maneiras em repassar a notícia, todas com o objetivo de prender a atenção e a fidelização dos telespectadores. Isto se dá, porque a televisão⁵ se destaca entre os demais meios de comunicação, como o que mais consegue atingir espectadores.

De acordo com Costa (2004), a televisão fala do mundo e para o mundo, o que mostra a relevância deste recurso midiático em agregar espectadores, a ponto de influenciar a vida do indivíduo. Essa relevância é gigantesca, pois “desempenha um papel fundamental na reestruturação da idade contemporânea e na conformação de pensamentos”. (COSTA, 2004, p. 12). Nesse contexto, fica difícil negar o poder da televisão, ainda mais sobre como repassa a informação.

A televisão repassa a informação para a sociedade de maneira que quer e de acordo com seu interesse, como forma estratégica de atrair e prender um grande público, como garantia de uma boa audiência. Entre os temas mais usados por esse meio de comunicação se destaca os assuntos relacionados com a violência, que tem ocupado cada vez mais espaço na grade de programação das emissoras de televisão.

O fato é que a divulgação da temática violência nos telejornais não é feita de maneira “branda”, a notícia simplesmente pela notícia. Por repassar a informação como bem entende, a televisão costuma divulgar a violência em forma de espetáculo, banalizam a discussão das matérias de cunho violento, o que se aproxima, muitas das vezes, do entretenimento, já que narram de forma humorizada os fatos. Esse jornalismo televisivo na forma de espetáculo é também conhecido como sensacionalista, que apesar de ser considerado sem credibilidade, conquistam muitos espectadores.

Costa (2004) afirma que “a violência vai se tornar fato comum, noticia corriqueira, seja em que horário for, abordado por ângulos diferentes, mas tendo sempre a mesma finalidade, atrair a atenção para garantir a audiência.” (*id.*2004, p. 16). Não há dúvidas disso, pois basta pararmos para assistirmos aos programas do gênero e vamos notar que grande parte das notícias narram casos de violência, feita de maneira sensacionalista.

⁵ Em uma pesquisa divulgada no início de 2014, pelo Ibope Inteligência em parceria com a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), revelou que 78% dos entrevistados têm na televisão a primeira opção de acesso à informação.



Na realidade, a espetacularização está inserida em muitos contextos, sempre com o objetivo de prender a atenção dos outros. Isto acontece pela exploração da emoção na narrativa dos fatos, o que é bastante comum nos meios de comunicação, especialmente no jornalismo televisivo. Os telejornais que fazem uso da espetacularização mais parecem *shows* com fatos narrados, que muito lembram textos da dramaturgia.

Sobre essa espetacularização o autor Debord (1997), diz que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”. (DEBORD, 1997. p. 13). Ainda de acordo com o autor, um dos recursos usados pela espetacularização da violência se dá pelo uso de imagens, pois ela envolve e interage com o espectador. Isso fica exemplificado com uso ou exposição das pessoas nas matérias.

Para Debord (1997), a interação entre espectador e as imagens usadas nos telejornais que espetacularizam a violência se dá porque o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. (DEBORD, 1997. p. 14).

O que se pode concluir disso é que Debord (1997) deixa claro que o público é alienado e passivo, e que não existe outra solução que não seja consumir. Tendo esse controle do público, fica fácil a entrada do capitalismo no contexto dos programas sensacionalistas, já que produtos mercadológicos são anunciados, entre uma matéria e outra, no telejornal sensacionalista.

Debord (1997) salienta que um espetáculo não precisa ter um discurso de informação relevante. O que mais importa é que sua história prenda o espectador, mesmo sem proveito algum, e mesmo a repetição das informações pode surtir esse efeito, já que o indivíduo é refém do gênero, o que indica uma passividade do espectador. “O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, seu fim. É o sol que nunca se põe no império da passividade moderna”. (DEBORD, 1997. p. 17).

A maneira como o telejornalismo sensacionalista que dar destaque aos assuntos com temática na violência tem dado certo. A violência como espetáculo foi construída no espaço televisivo, com o objetivo de atrair e entreter o espectador. Essa construção tem obtido sucesso, porque a televisão exerce um papel importante na interação com as pessoas, já que ela faz isso pelo poder de transmitir mensagens através da linguagem e, principalmente, através de imagens. Um poder devastador, já que cria e reproduz



representações sociais. No quesito informar, a espetacularização está presente, com total apelo emocional, ao show e ao entretenimento, que visa predominantemente os altos índices de audiência.

É por isso que Matheus (2011) descreve o sensacionalismo como um atributo do gosto popular e, como tal, um recurso temático e narrativo utilizados por veículos que pretendem atingir os grupos populares. Portanto, é um atributo que serve de reflexo de todo o cotidiano vivido por esse grupo, no qual a violência é representada cotidianamente.

Entretanto, outro recurso integra e colabora para o sucesso dos telejornais sensacionalistas. Pois o jornalismo, como forma de sustentação e convencimento dos seus argumentos, utiliza-se de um discurso narrativo totalmente estruturado, para dar firmeza aos seus atos comunicativos durante a narração dos seus fatos.

NARRATIVAS: ORGANIZADORAS DE UM DISCURSO MIDIÁTICO

Dentro do discurso midiático jornalístico, a narrativa se tornou um elo muito importante para a conquista da audiência, pois devido ao seu caráter de instrumento argumentativo e de fator estratégico na organização do discurso jornalístico, a sua utilização está cada vez mais evidente especialmente nas programações espetacularizadas da mídia televisiva.

Motta (2009) descreve a narrativa como a exposição de um fato, um acontecimento. No meio midiático elas dividem-se em fáticas ou fictícias, que são as notícias, reportagens, documentários ou as novelas, músicas, filmes e histórias em quadrinhos, respectivamente. Porém, em muitos casos há uma junção, um hibridismo de modelos, para a construção desse discurso.

A narrativa, segundo Motta (2009), funciona como uma forma de organização da realidade, de reordenação dos fatos e acontecimentos, em função de estratégias comunicativas. E é em busca dessas estratégias comunicativas que se percebe uma verdadeira dramatização dos fatos, durante as transmissões dos diversos programas jornalísticos. É por isso que “a organização narrativa do discurso não seria aleatória nem ingênua, configura-se para produzir certos efeitos de sentido”. (MOTTA, 2009, p. 3). Compreende-se assim, que a ampla maioria dos produtos jornalísticos possui um objetivo certo por trás dos seus discursos, seja para a obtenção da atenção do público ou a manipulação da audiência para fins publicitários e comerciais.



O discurso narrativo jornalístico é composto de um eterno jogo de linguagem, para tentar convencer o ouvinte/telespectador da importância e veracidade do fato narrado. Transformando muitas vezes os personagens da trama/notícia em simples objetos moldáveis ao gosto do público. Motta (2009) afirma que a narrativa jornalística se constrói simultaneamente às ações que está narrando. Criando assim, uma narração dinâmica, configurando no evento narrado um discurso eletrizante, empolgante e único. Narrativa essa que está sujeita a intervenções de narradores variados, na qual suas estratégias discursivas projetam marcas subjetivas no enunciado, no enquadramento do fato e na perspectiva que ele deve ter.

Isso é bem representado nos programas jornalísticos, que trabalham em predominância com temas vinculados à violência, pois percebemos claramente uma não distinção do posicionamento do narrador ao evento narrado. Havendo em muitos casos uma clara percepção, por parte da audiência, das estratégias comunicativas usadas para transmitir o evento narrado.

Motta (2009) enfatiza que “os discursos narrativos midiáticos se constroem através de [...] atitudes organizadoras do discurso e recorrem a operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos”. (*id.*, 2005, p. 2). Cabe aqui destacar, como essa organização narrativa do discurso, principalmente na mídia televisiva, é usada por diversos narradores – nesse caso pelos vários apresentadores de programas jornalísticos –, em que as intenções e objetivos assumem um papel subjetivo do narrador, desvalendo-se da objetividade jornalística.

Outra situação bastante identificável nos produtos da mídia refere-se ao início das notícias nas narrativas jornalísticas, em que ela começa na maioria das vezes, por fatos que remetam a temas dramáticos, porque é assim que se gera uma desestabilidade, a perda do equilíbrio, por parte do público, que se ver fragilizado a essa situação. Por isso, mais suscetível a mudanças de opinião. No entanto, esses temas não são lançados de maneira desordenada. Motta (2005) vai dizer que há diversos recursos e figuras utilizadas na linguagem jornalística para levar o leitor/ouvinte/telespectador a interpretações subjetivas, que o deixem mais sensibilizados. “Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas”. (MOTTA, 2005, p. 11). Ou seja, por mais que seja um fato bem chocante para o público, o narrador o transforma em um noticiário dramático.



A construção da imagem pela narrativa jornalística se tornou algo de extrema importância para a mídia, principalmente dentro do objeto de análise deste trabalho, pois a plataforma de comunicação televisiva propicia tanto a construção, como a desconstrução de vários personagens. É por isso que nos programas jornalísticos televisionados, existe toda uma construção do personagem da trama no decorrer da sua narrativa.

Vai ser nesses programas jornalísticos, na qual abordam de maneira explícita temas relacionados à violência, que se verifica o que foi trabalhado por Motta (2005), em suas análises da narrativa jornalística, em que o narrador imprime na notícia marcas com as quais pretende construir o personagem na mente dos seus telespectadores. Criando no pensamento da audiência a imagem de que nos fatos narrados só existe dois lados a ser representado, o lado dos mocinhos ou os dos vilões.

BALANÇO GERAL: CONSTRUINDO A VIOLÊNCIA POR MEIO DE NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Os programas que abordam violência são o ‘carro chefe’ de muitas emissoras no Estado. Esse tipo de jornalismo popular utiliza de vários modos para provocar sensações nos espectadores, com o objetivo de conquistar audiência. A temática da violência é explorada em todos os sentidos, tornando-se a principal atração entre as demais notícias na grade de programação, sendo divulgada cotidianamente de forma exagerada. Esse exagero fica explícito na repetição dos assuntos, uso de imagens e no papel julgador do apresentador da atração. Além disso, esses programas exibem matérias de cunho social, atrações humorísticas e anúncios publicitários, contudo, de maneira bem mais branda e simplória se comparados a temáticas da violência.

Diante dessa definição, o programa Balanço Geral Pará, exibido de segunda a sexta, pela TV Record Belém, enquadra-se nesse perfil. De acordo com o próprio site da emissora, o programa traz como proposta um jornalismo baseado na prestação de serviços, entretenimento, jornalismo policial e comunitário. A apresentação fica por conta do jornalista paulistano René Marcelo, que incorpora bem o espírito do jornalismo popular, que se preocupa em mostrar ao público as notícias de maneira explícita e que interage com o espectador. Pois como diz o apresentador, o programa que é “a voz do povo na TV”.



O Balanço Geral é o foco deste trabalho e, para isso, foi analisado a exibição do programa no dia 26 de novembro de 2013, a modo analisar a construção da violência, estruturada em um discurso narrativo e sensacionalista dos fatos noticiados. Objetivando assim, a compreensão de uma cultura dos programas jornalísticos, em especial os locais, de obter audiência através de temas ligados à violência, seja ele de forma direta ou indireta.

Foram exibidos oito VT⁶S durante toda a programação do dia 26 de novembro. Divididos em quatro blocos. Desses, cinco tinham ligação direta com temas relacionados à violência. Os outros três retravavam problemas com a comunidade, sem necessariamente vincularem-se a temas violentos. O merchandising⁷ também é uma prática bastante corriqueira durante o programa. Sendo exibida na maioria das vezes ao término das reportagens de cunho violento.

O som da sirene ecoa pelo estúdio. Soma-se a isso o jargão utilizado exaustivamente por René Marcelo durante a programação do Balanço Geral, “A voz do povo na TV”. É assim que se inicia o primeiro VT exibido no dia 26 de novembro. É o jornalismo televisivo no seu ápice de dramatização dos fatos. É por isso que as matérias noticiadas atualmente estão se transformando em narrativas quase ficcionais, deixando de lado a essência jornalística da objetividade dos fatos (LANZA, 2006).

Durante a matéria, de cunho ligado à violência, a trilha sonora já alerta o telespectador da possível trama que será narrada. Nesse caso é a apreensão, por meio de uma abordagem policial, de sete suspeitos, que se possuíam uma arma de fabricação caseira. O repórter que cobre o caso, como já é de praxe nos programas jornalísticos, tenta entrevistar o acusado da maneira mais unilateral possível, em que ‘vilão’ permanece sempre em uma posição submissa ao ‘mocinho’. Tudo isso para aproximar o receptor - que convive diariamente com as mazelas da violência - a um ambiente mais perto do seu. Ratificando o pensamento de Matheus (2011), em que a sociedade parece de tal forma contida nessas narrativas que o telespectador tem a impressão de ser participante daquela realidade (MATHEUS, 2011).

Ao retornar ao estúdio em que se encontra o apresentador, o seguinte dizer é pronunciado, “É agora que a bandidagem vai brincar de pira”, em referência a greve da

⁶ Videotape ou VT: A reportagem editada e que posteriormente vai ser transmitida pela televisão é identificada como VT.

⁷ Pode ser definida como qualquer técnica, ação ou material promocional usado no ponto de venda que proporcione informação e melhor visibilidade a produtos, marcas ou serviços, com o propósito de motivar e influenciar as decisões de compra dos consumidores.



Polícia Civil do município de Belém, iniciada na terça-feira (26/11/2014). Percebe-se aí toda uma estratégia narrativa relacionada com a violência, pois “os receptores do jornalismo conhecem as figuras públicas e do espetáculo através de fragmentos que dela veicula o jornalismo. A mídia constrói personagens de acordo com os seus critérios jornalísticos e de verossimilhança.” (MOTTA, 2005, p.8). É por isso que há todo um jogo por trás da situação e da imagem que se quer passar a respeito de alguém. E, nesse caso exemplificado, René Marcelo cria na audiência a sensação de um total descontrole na contenção da violência criada por esses personagens da trama, a bandidagem.

A abordagem sobre violência se repete nas matérias seguintes. O terceiro VT, por exemplo, repercutiu sobre a execução de um jovem no bairro do Barreiro, em Belém, em que novamente ficou claro o teor dramático em relação à notícia em questão. E, assim como aconteceu com o VT anterior, a dramatização mais uma vez é usada para prender a atenção do telespectador em que o apresentador também repete o discurso narrativo de dialogar sobre a matéria, expondo comentários pessoais.

O barulho da sirene, usada como premissa para a representação de que alguma matéria com teor trágico e violento está por vir, transporta o telespectador a situações mais condizentes com a sua realidade, na qual as viaturas de segurança pública, no ato da perseguição policial, utilizam-se cotidianamente dessa funcionalidade. Construindo assim, um elo entre a narração do fato noticiado e a carga violenta da matéria a ser exibida.

Todo esse jogo teatral sonoro serviu como peça de entrada para o início do 6º VT do programa. Em que a matéria retrata a prisão de dois jovens, que foram presos em flagrantes por policiais federais e militares, no exato momento em que praticavam um assalto. O ponto em questão desta notícia se encontra na edição da matéria, pois ela foi dividida em duas partes. Justamente para que no término da primeira parte, a transmissão retornasse para estúdio do apresentador, que se comunica com o telespectador com a seguinte frase, “ainda tem gente que diz: coitadinho, isso é pela desigualdade social no Brasil”. É por conta disso que “quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística”. (MOTTA, 2005, p. 9). Restando ao receptor encontrar refúgio dessas estratégias da narração.

Ao terminar a segunda parte do 6º VT, René Marcelo começa a leitura dos e-mails enviados pelos telespectadores, na qual eles respondiam a seguinte pergunta, proposta pelo apresentador: “Sabendo da greve da polícia civil, qual é a sua sensação nesse



momento?”. Confirmando assim, a proposta de interação com o público presente na maioria dos programas televisivos atualmente. O caráter das respostas enviadas ao programa configura a proposta feita pelo apresentador, que ao ter realizado o seu julgamento sobre o VT anterior, deixou, através das suas marcas narrativas, a sua posição diante do caso. Fechando assim, todo um ciclo sensacionalista do programa. Que vai das matérias exibidas, até as narrativas dos seus personagens. Com isso, Matheus (2011) descreve perfeitamente esse artifício midiático da atualidade.

“A palavra (sensacionalismo) passou a designar o jornalismo que privilegia a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fatos considerados chocantes, distorcidos, usando uma linguagem que não raras vezes apela para a gíria, palavrões e inclui no seu repertório narrativo expressões de fácil entendimento para os grupos populares”. (2006, p. 32).

Através disso, percebe-se o quanto o sensacionalismo está presente no jornalismo. Sendo representado no programa analisado, pelos termos usados pelo apresentador, a trilha sonora reproduzida durante a exibição das matérias, a sirene policial e a forma em que se converge os estereótipos. Ligados sempre a personagens marginalizados na sociedade.

E o programa prossegue dando destaque aos VT's com foco na violência. Desta vez, mais uma cobertura sobre uma execução, de um ex-presidiário morto no bairro da Cremação. A abordagem segue os mesmos padrões; o repórter abordando policiais sobre qual o motivo do crime; entrevista as pessoas que estão no local do crime, que se recusam a falar, e expondo familiares para falar sobre a procedência da vítima e mostrando o corpo no chão. No retorno ao estúdio, René Marcelo começa a fazer comentários sobre o caso, chega a opinar que o possível motivo da morte foi por envolvimento da vítima com traficantes e pede para que repitam as imagens do corpo no chão. É por isso que essa forma de noticiar a morte nos programas jornalísticos acaba, por muitas vezes, ritualizando o fato narrado (LANZA, 2006). Porque todos os gestos e as palavras presentes na notícia convergem para criar uma imagem menos brutal, e sim mais dramática em torno da figura da morte.

A maneira que o programa Balanço Geral abordou os cinco VT's que trataram da violência são bastante parecidas. Primeiramente, a edição do programa deu bastante ênfase no uso e repetições das imagens, fosse dos presos ou dos corpos das vítimas. Esse uso de imagens seduz o espectador, pois existe uma “relação social entre pessoas,



que é mediada por imagens”. (DEBORD, 1997. p. 14). Essas imagens são seguidas por narrativas, que ajudam a prender ainda mais o receptor, pois como ainda acrescenta Debord (2007), o espetáculo não precisa acrescentar nada, basta ter um enredo com detalhes (imagens) atrativos.

Ainda em relação aos efeitos da abordagem da violência sobre o espectador, a narrativa apresentada no programa mexe como o imaginário das pessoas, o que resulta em diversas sensações no indivíduo, que pode ser de comoção ou desespero. Isso acontece porque o apresentador se coloca na posição de porta-voz da sociedade, por isso que formulam juízo de valor e comentários pessoais sobre as matérias (MARIANI, 1998. p. 60). Deste modo, espetacularizam a notícia, como forma de fazer um recorte da realidade.

Conquistar a audiência através da espetacularização da notícia, em especial sobre a violência, rende lucros também, pois com um público cativo e fiel a divulgação de produtos se faz presente durante toda a exibição do programa. Debord (1997) deixa isso claro, pois a passividade do espectador nesse tipo de informação o deixa alienado, e sem sequer questionar o que lhe é passado. E isso, abre as portas ao capitalismo. Ao analisar as narrativas usadas nesse tipo de jornalismo, Motta (2009) diz que o discurso usado tem o objetivo de produzir algum efeito, não só para a notícia, mas também com objetivos publicitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar através da discussão abordada, que narrativas são muito mais do que o ato de transmitir informação, pois há uma complexa estrutura em torno da sua construção. Existe todo um jogo de estratégias ao realizar uma narração jornalística. E o sujeito detentor dessas estratégias pode usá-las da forma que bem entender. Seja para persuadir o público em questão ou para travar algum diálogo em volta de determinado assunto.

A mídia, mais especificamente os programas jornalísticos, como foi trabalhado por este artigo, utilizam-se usualmente e de maneira demasiada dessas estratégias narrativas. E nesse caso com um objetivo bem claro, como foi demonstrado: a busca por audiência. Com isso, um dos principais temas escolhidos para criar esse elo entre o público e o programa, foi à abordagem da violência. E o programa Balanço Geral fez jus ao caso,



pois demonstrou-se completamente inserido no tema em questão, baseado na análise do dia 26 de Novembro.

Ao descrever o programa como “a voz do povo na TV” ou se utilizar de marcas do discurso narrativo para estereotipar um determinado grupo social, o apresentador René Marcelo, nada mais quer do que se aproximar de um público que representa uma ordem social. A ordem dos excluídos. Excluídos de segurança, de educação e dos mais básicos bens necessários, a sobrevivência humana. Ou seja, personagens que assistem ao programa, enxergam um reflexo dos seus problemas vividos diariamente.

É através disso que o programa transmite os seus objetivos aos telespectadores. Pois no momento de exibição de alguma matéria, o discurso narrativo transmitido pelo apresentador, ao se valer de julgamentos subjetivos, acaba por influenciar o seus receptores. E isso é demonstrado no exato instante em que são lidas as mensagens enviadas por e-mails, em que muitas delas estão meros posicionamentos já manifestados pelo próprio René Marcelo.

Por isso, os vários elementos usados no Balanço Geral para aproximar o público do programa, são partes integrantes de um processo bem maior de construção dos acontecimentos, baseados na carga sensacionalista e dramática de noticiar um fato. Sustentadas em uma série de estratégias comunicativas para persuasão de um público bem seletivo.

REFERÊNCIAS

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade. *Sbpjor*, n. 1, p. 1-13, 2009. Disponível em: http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/luiz_gonzaga_motta.pdf. Acesso em: 17 Nov. 2013.

LANZA, Sonia Maria. **A narrativa jornalística: dramas da vida real**. *Portcom*, n.1, p. 1-12, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1144-1.pdf>. Acesso em: 17 Nov. 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. *Portcom*, n.1, p. 1-16, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 18 Nov. 2013.



DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

COSTA, Alda Cristina Silva da. **A violência como espetáculo: um debate em torno do programa “Metendo Bronca”**. 2004. Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.